379

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

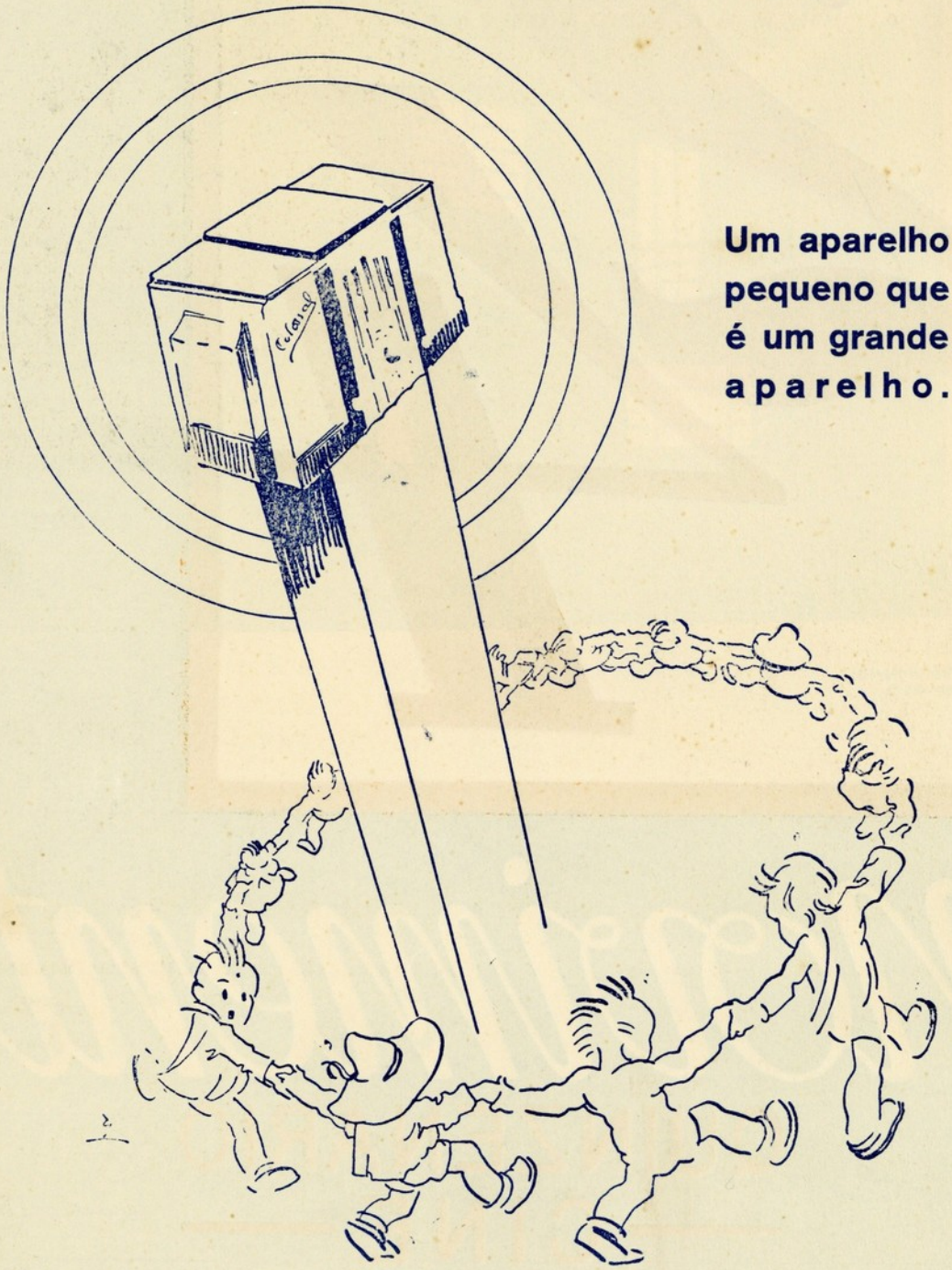
24

movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1$50

COLOSSAL RADIO



Um aparelho pequeno que é um grande aparelho.

Sociedade Comercial Luzo Americana, L.da

LISBOA -- Rua da Prata, 145 **PORTO -- R. Sá da Bandeira, 339**

Visar... premir um botão... e serão vossas para sempre as mais belas horas de felicidade

Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o Cine «Kodak» Oito pode ser transportado numa mala de senhora ou na algibeira dum casaco

Todos os que amam a VIDA, podem obter imagens VIVAS com um

CINE "KODAK" OITO

o aparelho de cinematografia de amador que, graças a um novo processo de Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas boas casas da especialidade.

KODAK LTD.—RUA GARRETT, 33—LISBOA

EU SABIA QUE A MURALINE E UMA TINTA ESPLENDIDA: MAS O RESULTADO EXCEDEU TODOS OS MEUS CÁLCULOS

MÁRIO COSTA & C.A, L.DA
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 —— PORTO

MURALINE

TINTA A ÁGUA

Nesta página fica marcada a profunda mágoa de todos nós pela morte do camarada firme e amigo leal que foi Luiz Guedes.

Tôdas as expressões de dor que poderíamos empregar são conhecidas daqueles em cuja vida existiu uma hora amarga como aquela por que acabamos de passar. Para êsses, não são necessárias. Para os outros seriam incompreensíveis. Por isso as não escrevemos.

Armando Vieira Pinto
Armando Barros
Alexandre Médicis
Alves Costa
Alexandre Serpa
Adolfo Casais Monteiro
Carlos Carneiro
Fernando Barros
Vasco Rodrigues
Francisco Viana
Adriana

2 LIVROS

«CIÚME»

de António Botto

Meu caro António Botto:

Recebi o seu livro e as palavras gentis que o acompanhavam. E é com prazer que lhe mando publicamente esta carta de agradecimento, em lugar da crítica que lhe faria o meu camarada Vasco Rodrigues, encarregado oficialmente, dentro do nosso grupo, dessa inglória e mal remunerada tarefa de fazer justiça aos produtos das alheias locubrações intelectuais.

Li, com raro gôsto, as canções dêste seu novo livro. Passa nelas, dentro de beleza sem igual na sua simplicidade, tudo o que no homem existe de vestígio divino: dor, anciedade, amargura, por vezes revolta, por vezes a sem coragem que todos nós, os que temos a infelicidade de nos não contentarmos com as simples coisas materiais da vida, sentimos sempre, e tão profundamente às vezes.

Êste seu livro de hoje é coerente consigo próprio, meu caro António Botto, e é coerente com os seus livros de ontem.

Há nele o mesmo factor de sempre: a sinceridade clara que lhe valeu os apupos escandalizados da multidão hipócrita, mas que lhe valeu, também, o justíssimo triunfo que hoje é seu, e só os imbecis lhe negam.

Porque não põe você, na portada dos seus livros a célebre frase de Petrarcha: «non ego loquar omnibus, sed tibi, se mihri, et hris?...»

Assim já quem os lêsse teria sido classificado antecipadamente no lugar que lhe pertencia. E você, meu caro António Botto, lucraria a abstenção das chamadas «pessoas de sã moral» que não são, como você muito bem sabe e à primeira vista poderia ingènuamente supôr-se, aquelas que falam verdade e procedem «verdade» também, mas aquelas que falam «preconceito» e regulam tôdas os passos da sua vida por êsse misto de dissimulação e hipocrisia a que é uso chamar-se, por saborosa elipse: «boa educação».

E daí, talvez fôsse tolice. Os homens que usam colarinhos altos de mais, os sócios da Academia, os conselheiros da lenda também são necessários à vida feliz desta complicada máquina social.

Meu caro António Botto, conversar consigo é sempre um raro e delicado prazer. Mas a-pesar-disto vou deixá-lo. De tôdas as canções, a que mais me agradou? A que termina:

Para morrer, —
Qualquer lugar,
Qualquer corpo,
E qualquer bôca me serve

O abraço do estilo do seu

Armando Vieira Pinto

«LABIRINTO»

15 poemas de Luiz Guedes

Se eu estampasse aqui o elogio de Luís Guedes e das suas qualidades de escritor não faltaria quem o atribuisse exclusivamente à minha amizade e à minha camaradagem.

Tôda a gente sabe como se vive em Portugal do compadrio ignóbil do elogio mútuo. A crítica descreditou-se a tal ponto que não pode ser geralmente tomada a sério, e já não há ninguém que acredite na sinceridade dos seus juízos de forma que estes possam ser considerados a expressão exacta de um pensamento honesto. Criticar, entre nós, é apenas dizer bem ou dizer mal, mas sempre, em última análise por motivos estranhos à inteligência. O público possue, senão o conhecimento, pelo menos a intuïção desta comédia e retrai-se — uma das poucas coisas em que o público procede sensatamente. Ora eu não queria que alguém pudesse supor que, por trás das minhas palavras de referência ao último livro do meu camarada Luís Guedes, exista o desejo de lhe prestar um serviço, queimando incenso diante do seu altar, para que êste meu ilustre amigo venha também, na primeira oportunidade, diante do meu, genuflectir e queimar uma dose de incenso ainda maior. Por isso não farei propriamente uma crítica, com a costumada distribuïção de adjectivos nem direi sequer que o livro é bom. Compre-o o leitor, leia-o e ajuize por si. E se gostar, como eu, se vir nos seus versos alguma coisa mais do que encontra habitualmente nas centenas de livros de versos que por aí pululam, fixe o nome do autor e não o perca de vista, pois muito me parece que há ainda a esperar do seu talento, quando êle se resolver a dar-nos obras de maior fôlego, não quero dizer necessàriamente maiores, mas mais completas, mais representativas de sua sensibilidade.

«Labirinto» é uma colectanea de 15 poemas, de valor desigual, e onde o autor, quer nos seus versos líricos quer nos seus versos satiricos (façamos esta distinção por comodidade), põe sempre sinceramente a sua maneira de sentir, com independência, com personalidade, e indiscutivelmente, com relevo. Pena é que, sendo êste livro tão pequeno e retratando vários aspectos da sensibilidade de Luís Guedes sob as diversas formas por que a sua individualidade reage perante o mundo exterior, constituindo cada poema, por assim dizer, uma amostra, não consiga dar-nos uma impressão total e definitiva do autor — o qual fica portanto adstrito à obrigação de publicar obra mais extensa ou menos dispersiva, em que a sua maneira de ser se expanda com maior amplitude.

Vasco Rodrigues

CANÇÃO

do mêdo infundado

...¡¿Erram sombras subtis pela floresta,
o vento ruge com uma voz estranha,
e um segrêdo surdo que castiga
paira em tudo!?...

...Qualquer coisa te molesta
com uma insistência tamanha,
—doce e frágil rapariga!—
que só êsse olhar mudo,
olhar distante,
surprêso,
nos torna preso
um instante...

Receios?

Mas porquê, êsse temor
de pássaro assustado,
num fresco olhar azulado
de duas
luas
cheias?...

...Será por causa do amor?...

—Seja lá pelo que fôr!...

Não tens razão
de assim viveres à mercê
dum qualquer mêdo infundado.

Mêdo, de quê?
—«Quem tem mêdo compra um cão»
e tu...
já o tens a teu lado...

Luiz Guedes

DE FILMES

Depois do cinema nos ter dado os mais variados e também complicados temas sentimentais, de nos conduzir e nos mostrar os ambientes das cinco partes do mundo, de nos reerguer diante das nossas pupilas atentas quadros históricos, de roçar com a lente da objectiva fantasias, comédias e dramas,—não podia também o maravilhoso, o fantástico, o inverosímil deixar de ter um lugar reservado para experiências.

Foram elas coroadas de êxito? Negá-lo seria estultícia da parte de quem quer que fôsse. E se todavia na época do cinema mudo o filme de terror não se tinha ainda emancipado completamente, com o advento do sonoro não só pode impor-se, como aliás deve vencer em tôda a linha.

Até há bem pouco tempo ainda se projectou em Paris na tela dum cinema um programa exclusivamente consagrado a esta categoria de filmes.

As fitas a que poderemos chamar de «terror», embora não pareça, têm um público, um público devotado, crente e fiel como certos ledores dum género literário. De resto o cinema, o papel do cinema cada vez mais se concentra para ser a «literatura dos olhos». E a esta espécie de filmes poderemos catalogá-los em paralelo ao género da literatura dramática no chamado teatro «grand guignol».

Não será assim?

~

Nessa sessão cinematográfica realizada em Paris (creio que por iniciativa do jornal «La Semaine» exibiram-se «O Médico e o Monstro», «A Queda da Casa Ursher», «O Gabinete do Dr. Caligari», «O Fim do Mundo» e «O Estudante de Praga». Mas o rol das produções dêste género não pára por aqui. Qual dos leitores amigos de cinema, que se não lembra de «Matou», de «O Testamento do Dr. Mabuse», de «Fantomas» (já sonoro) de «O Palácio dos Mistérios» com Boris Karloff no protagonista?

E quantos mais? «O malvado Zaroff» ainda de reexibição recente com Leslie Bancks e Fay Wray—a mulher dos gritos—no elenco, «O Club dos Suïcidas», «O Crime da rua Morgue», «A Aranha» com Edmundo Love, e «Xandu Fakir» também com Edmundo Love; «As Máscaras de Cera», «Franknstein», «O Dr. Mandchu». E quantas omissões involuntárias nesta lista recordada agora?

E para fecharmos estas despretenciosas considerações diremos sòmente que os filmes assim moldados de duas uma: ou são bem feitos e nos dão realmente o imprevisto dramático ou pecam na sua factura e vem recheados dum ridículo que por muita boa vontade não conseguem atenuar.

Mas o público por seu lado não sabe ainda assistir a uma exibição dêste género. Ainda recordamos não sem revolta, não sem piedade as gargalhadas alváres que num cinema do Pôrto sublinharam algumas passagens de «A Queda da Casa Ursher» de Epstein.

Mas não recordemos coisas tristes, ou melhor, lamentáveis.

E entoemos um hino de louvor a esta modalidade do cinema que nasceu, talvez, com «O Carro Fantasma» essa antiga produção da casa Svenska realizada por Sjöstrom e extraída de uma obra literária de Selma Largerof. Não se lembram? Era no tempo do cinema mudo... Mas a história fica para outra vez.

TERROR

Como eu vi
RAÚL DE CARVALHO
vindo do inferno

Caro leitor:

Não penses que se trata dalguma visão dantesca; isso já nada tem de novo para ti e é prato suculento de mais para a minha pena. Contenta-te, sòmente pois, com umas gulodices, umas notazinhas ligeiras, uns apontamentos sôbre esta figura do nosso cinema e teatro.

Estás pouco habituado a que te falam na nossa gente, eu sei... Não pretendo igualmente contar-te a biografia de Ràúl de Carvalho; tu talvez o saibas melhor do que eu... é tão fácil saber-se da vida uns dos outros..

Tu vais ter ensejo de o veres agora no Gado Bravo; êle vai estar em foco, por isso vou contar-te... mas repara: o que eu pretendo é apenas reproduzir alguns modos, pequenas observações que tive ocasião de fazer, quando o vi transformado em Lucifer... sim, nas Festas de Lisboa. Vamos então:

Se o visses?! Não parecia o mesmo rapaz de cara rapada que vês nos fotos e verás no filme: o corpo enfiado numa malha cinzenta, as mãos enluvadas de negro, com unhas enormes... e então o que lhe dava um ar de senhor de Boquilobo, era a pera loura e os bigodes petulantes; a cabeça coberta por uma gorra, donde saíam as orelhas, e as sobrancelhas prolongaram-se em filamentos negros ..

Pois lá estava, por detrás dos bastidores, arrumado a um lado da cena, o ar irónico, cofiando a pera, como quem medita grandes planos, infernais... uff! ei-lo em cena, aos saltos, a rir, como só o próprio demo o faria. E todo o seu temperamento de verdadeiro artista se desdobra no Tentador!...

Dois minutos depois, ei-lo pronto, na plateia, feito mortal, bom camarada, a assistir ao resto do ensaio... (previno-te: é tal qual como nos retratos; talvez pois o encontres amanhã ao voltares uma esquina).

Agora, no dia da representação... era na Sé... Os artistas esperavam no pórtico da catedral, improvisado em *foyer*.

Pois ao Raúl de ontem *maquiavélico*, sombrio, sucedeu o *diabrete* que esteve espirituosíssimo tôda a noite... Andou numa roda viva, ora junto da Palmira Bastos a quem admirava a riqueza do trajo, logo surgia no estremo oposto a falar ao René Robert, depois passava mesmo à ilharga do Benamor, agora aproxima-se das bailarinas, daí a um instante já estava junto do garoto que vestia de Menino Jesus...

E quando tudo estava pronto para entrar em cena, ou antes, a sair para o adro da Sé, quando os sinos da vetusta catedral badalavam chamando a atenção de todos e as notas sonoras, graves, de bronze, écoavam por sôbre os telhados, indo perder-se no rumor da cidade em festa e do rio, de que se havia êle de lembrar? De fazer bailados fantásticos, pretendendo tentar, dizia, o grupo das Tágides (jovens amadoras, muitas enfrentando os olhares do público pela primeira vez). As raparigas, passaritos tontos, iam-se tomando de brincadeira, porém, a voz do Robles Monteiro bradou, mais forte ainda que o bordão do sino: «Ó Raúl, você não tem juízo!...»

Imediatamente desapareceu o endiabrado, ficando apenas o *diabo* personagem austero do auto de quinhentos, ensaio da sua missão...

Acabada a função, de novo no pórtico, emquanto esperam os autos que os levarão ao teatro, ei-lo meio diabo, meio homem. Diabo pela indumentária, homem porque tirou a cabeleira e a barba... Fala com todos, sorri a todos. Não é o actor, é o homem do mundo em elegante reünião, que o era; o conversador gentil, deixando pairar o seu espírito culto, emquanto fumava... boquilha negra, delgada, simples, os cigarros... oh! perdoa... a marca... isso interessa-te... esqueci-me! Como não fumo .. apenas o perfume do tabaco, era agradável, talvez misto de essências orientais e Raúl visto assim (moreno, cabelo negro e luzidio, as sobrancelhas prolongadas à chinhesa, envolto no fumo que subia) tinha o ar dum bronze oriental animado, que sorria, desprendendo mistério, o mistério do actor... muitos homens.., falsos, num só verdadeiro...

Leitor amigo: Terminei. Perdão. A gulodice permetida saíu insipida, eu sei... Faltou-me a mão para os condimentos, mas tu que és gentil, amável, tu que devoras páginas inteiras das revistas hollywoodenses só para saberes a côr dos sapatos ou dos olhos do Ramon ou da Garbo, perdoa; não soubeste muito, nem de interêsse, mas o que leste é verdadeiro e não *standardizado* à americana como os relatos dos divórcios ou dos ordenados das estrêlas.

Adriana.

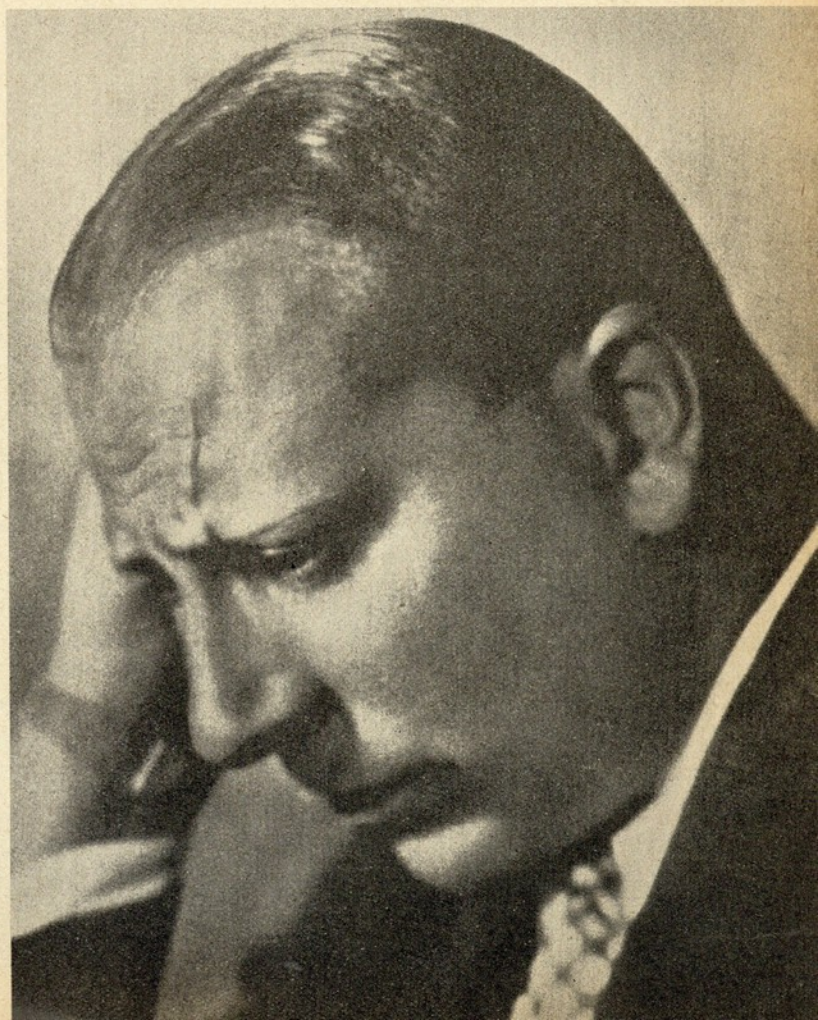
ERIC VON STROHEIM

O génio insubmisso de Hollywood

Cet homme vit ce qu'il joue, et il hait ce qu'il vit!

Toutes les œuvres de Stroheim ont élargi et confirmé cette première impression, œuvres engendrées par la haine, par une haine infernale, universelle, sans exception; une haine qui se tourne aussi contre celui qui l'exprime et contre la haine même.

(Rudolf Leonhard)



Erich von Stroheim é uma das mais curiosas e das mais notáveis figuras do cinema mundial. E, todavia, nem o seu nome aparece com freqüência nos écrans, nem à sua personalidade extraordinária ou ao seu temperamento de tão rara grandeza, as revistas de cinema costumam dedicar um décimo sequer do espaço que constantemente oferecem às biografias idiotas e inúteis de artistas medíocres, sem talento e sem valor. Êste facto explica-se fàcilmente. Como actor, falta-lhe o sex-appeal duvidoso dos fantoches de tela pelos quais o mundo inteiro delira. É feio, deselegante, grosseiro, brutal; de olhar firme, cortante e frio; de sorriso sarcástico, impertinente e desagradável. A sua cabeça redonda, mal feita e rapada, parece enterrar-se no pescoço — um pescoço impressionante, descomunal e rijo como o pescoço dum boi.

Como realizador, o seu feitio indomável, a sua vontade forte e insubmissa não se vergam nunca às exigên-

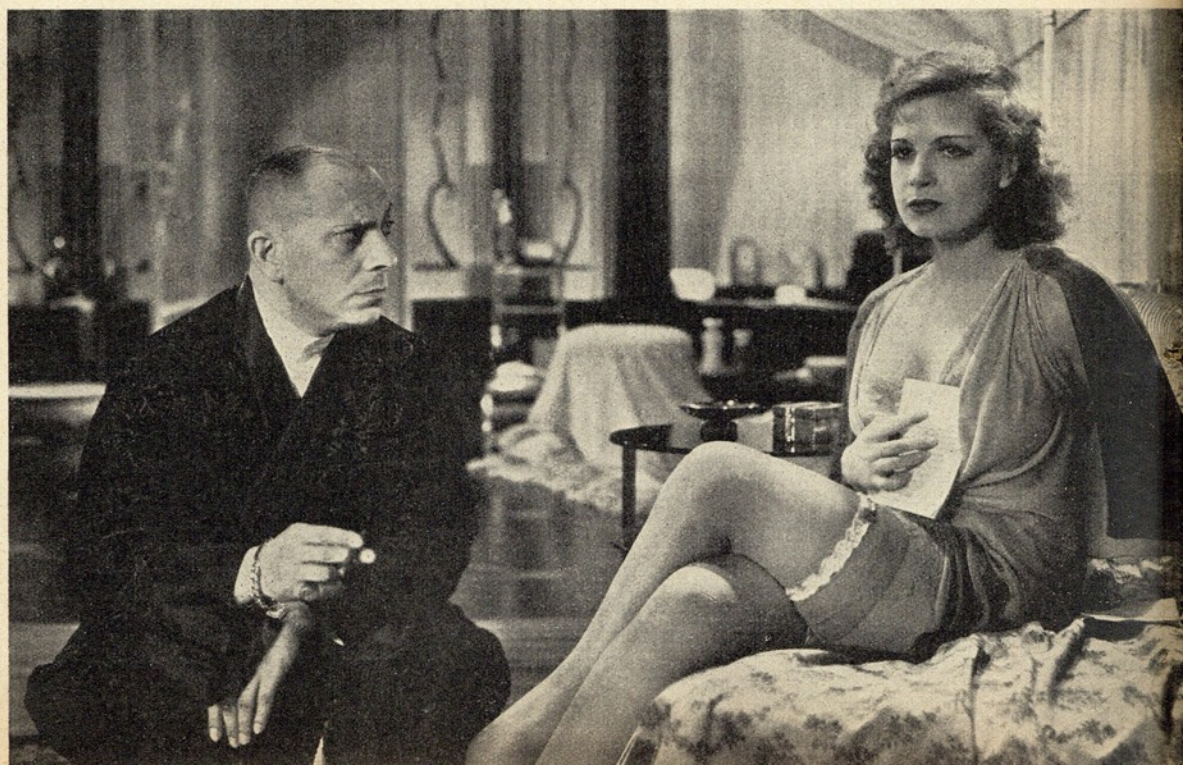
cias da exploração comercial. Nem a ruína, nem a miséria, o obrigam a ceder passo àquilo que êle não sinta, ou que êle não pense, ou que êle não queira. Enquanto outros realizadores se subordinam às leis que regem a indústria cinematográfica e às aspirações (nem sempre superiores mas em parte justas) dum público que vai ao cinema para ver filmes a seu gôsto, Stroheim é quási quixotesco defendendo a integridade da sua personalidade numa teimosia pertinaz de que nada nem ninguém conseguem demovê-lo. Daí a sua impopularidade e o seu fracasso, que mais dia menos dia lhe fecharão de vez as portas de Hollywood...

~

Erich Oswald Hans Carl Marie Stroheim nasceu em Viena em 1885, filho dum coronel do estado-maior austriaco. Foi graduado pela Academia Militar Imperial e demitido mais tarde por ter desobedecido a um superior. Em 1909 desembarcou nos Estados-Unidos sem um centavo. E durante cinco anos, exercendo por vezes as mais humildes profissões, lutou desesperadamente pela vida, a dois passos da fome e da miséria. Em 1914 os seus conhecimentos sôbre a etiqueta militar do seu país grangearam-lhe um pequeno lugar num filme chamado «Old Heidelberg». Durante a guerra, Stroheim foi chamado a interpretar, em diversas fitas, o papel dum antipático oficial prussiano («For France», «The Unbeliever», etc.). Mas o fim da guerra foi o fim do seu emprêgo. Passados, porém, alguns meses, Carl Laemmle autorizou Stroheim, que então se encontrava em péssima situação financeira, a realizar um filme segundo um argumento que êle próprio escrevera. As despesas — e essa era uma das condições — não deviam ultrapassar vinte e cinco mil dollars. Stroheim deitou mãos à obra, realizando «Blind Husbbands», um melodrama de intriga amorosa, à maneira europeia, cujo custo afinal foi além de oitenta e cinco mil dollars... Mas o filme fêz sucesso. Logo a seguir realizou «The Devil's Passkey», para o qual fôra feito um orçamento não excedendo $75.000 mas que veio a custar $185.000, antes mesmo de estar terminado. O seu terceiro filme foi «Foolish Wives» (1922). Stroheim escreveu o cenário, dirigiu a realização e interpretou o principal papel. Para essa produção fôra destinada uma verba de $250.000. Como de costume, antes de terminada a filmagem já Stroheim tinha gasto um milhão de dollars! «Foolish Wives» exibiu-se mesmo por concluir, terminando abruptamente por uma legenda. A-pesar-de tudo o filme fêz sucesso, mas Irving Thalberg, que nessa altura tomara cargo da produção da Universal, despediu-o sem lhe permitir que terminasse «The Men Go-Round» que já estava em vias de realização. A Metro, porém, resolveu contratá-lo dando-lhe «carta branca» para transpôr para a tela a novela de Frank Morris: «Mc Teague» da qual se diz que Stroheim alimentava de há muito o desejo de fazer um filme. Gasta uma fortuna e ao fim de longo tempo, Stroheim apresentou à Metro um filme violento, brutalmente realista, e que levava dez horas a exibir!... De 42 bobinas o filme foi reduzido a 10 e lançado no mercado com o título de «Greed». Foi um completo fracasso. Mas aqueles que viram o filme integralmente dizem ser, não só a melhor obra de Stroheim, mas também uma das melhores obras do cinema americano. A propósito de «Greed» escreveu Charensol:

«Stroheim acumulou neste filme tôdas as brutalidades e todos os horrores, as situações mais desagráveis e os contrastes mais chocantes. É a obra dum misantropo e dum panfletário em que algumas cenas atingem a grandeza no odioso. O naturalismo levado sistemàticamente a tais extremos ultrapassa a realidade para atingir uma verdade de pesadelo. Originalidade é uma palavra demasiado fraca para falar duma obra assim, que seria vão recomeçar mas que mostra até onde pode ir o cinema na expressão da vida e dos sentimentos».

Logo a seguir a «Greed», Stroheim realiza «A Viuva Alegre», um filme comercial que obteve um notável sucesso,



Greta Garbo e Eric von Stroheim numa cena do filme: «Como tu me desejas».

e que foi a única condição imposta pela «Metro», ao autorizar a transposição para a tela do enorme romance de Frank Morris. Em Junho de 1926 Stroheim começa a «Marcha Nupcial», para a Paramount. Durou um ano a realização dêste filme. E resultou tão longo que a Paramount resolveu não o aceitar. Stroheim sugeriu então que o filme fôsse exibido de duas vezes com um intervalo para os espectadores poderem ir jantar... Depois de longas questões, que demoraram outro ano, a primeira metade do filme foi reduzida a dez bobinas, a-pesar-dos vivos protestos de Stroheim, e finalmente apresentada a público. Á «Marcha Nupcial» seguiu-se «Queen Kelly». Mas, ou por causa do advento do sonoro, ou porque Glória Swanson (que fazia a protagonista) não se achasse satisfeita, ou por qualquer outra razão, o caso é que o filme nunca veio a público na América. Depois do sonoro, Stroheim viu-se de novo obrigado a aceitar pequenos papéis em filmes dirigidos por outros: «The Great Gabbo», «Three Faces East», «The Lost Squadron», «As you Desire Me», etc. Recentemente a Fox chamou-o para dirigir «Walking Down Broadway», mas despediu-o antes de o deixar chegar ao fim — ao ver 26 bobinas de filme impressionado sem a menor esperança dum tangível resultado comercial... (1).

~

Disse há pouco que Stroheim é uma das mais curiosas figuras do cinema mundial. Mas o maior elogio que se lhe pode fazer é considerá-lo um caso único na história do cinema americano. Stroheim é um criador. Vivendo exclusivamente do cinema, êle faz do cinema menos o seu modo de vida do que o meio de exteriorização do seu sentir. Porisso nada lhe importa. Produz levado por uma necessidade interior e regido apenas pelo seu temperamento, pelas suas convicções e por uma surda revolta contra a vida.

«A carreira de Stroheim, escreve Dwight Mac Donald, apresenta duma forma intensificada o dilema de todos os verdadeiros artistas de Hollywood. Os seus conflitos com o fim comercial da indústria são os dos seus colegas e o seu fracasso o dêles. Mas enquanto os outros transigem, com maior ou menor sucesso, tal transigência é, por temperamento, impossível a Stroheim. E é Stroheim o único exemplo que se podé encontrar em Hollywood de um artista que subordina tudo àquilo que êle considera a sua arte. Quando faz um filme, Stroheim perde por completo tôda a noção do tempo, do dinheiro e da paciência humana. Obriga os seus actores a trabalhar até às quatro da manhã se tanto achar que é preciso e não vê razão para que o público que vai ao cinema não queira assistir durante dez horas à passagem dum filme — se êle levar dez horas para exprimir com absoluta justeza a sua idea. De facto êle é tão indiferente para com as reacções do público como para com os interêsses dos produtores por conta de quem trabalhe. Para Stroheim, fazer um filme é uma intensa experiência pessoal que êle toma demasiado a sério. E não compreende que Hollywood esteja ali só para se ganhar dinheiro e que a «obrigação» do realizador é filmar, tão economicamente e tão de-pressa quanto possível, uma fita que a gente pague para ir ver».

Mas Stroheim começa por desconhecer o valor do dinheiro...

E acima de tudo êle é sincero. «E a sinceridade em arte é, nem mais nem menos, do que a origem da própria arte». Ora a sinceridade de Stroheim revela-se na sua obra por uma constante rajada de ódio incontido, de ódio criador.

A sua tendência para um vincado realismo não é especulação. É o resultado duma espécie de raiva interior que o conduz, que o domina, que jorra de cada uma das suas interpretações sempre perfeitas, de cada um dos seus filmes, construidos sempre com uma extraordinária meticulosidade em que a expressão cinematográfica atinge o mais elevado grau.

(1) Elementos colhidos na revista americana «The Symposium».

Alves Costa

EXPOSIÇÃO

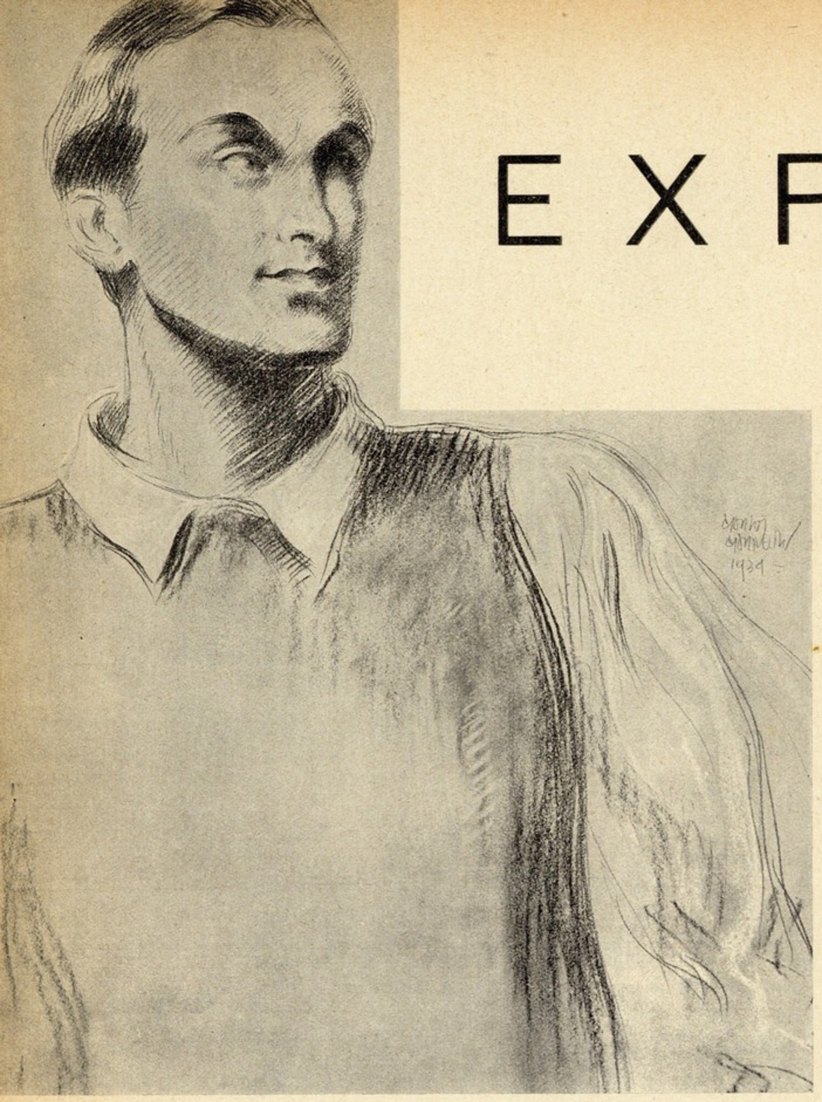
DE

RETRATOS

DO

PINTOR

CARLOS CARNEIRO



Contava-me meu pai, que intimamente privou com os dois Bordalos, pai e filho, que um dia, invectivando acerbamente Manuel Gustavo pela sua negligência e desperdício do seu real talento de artista não procurando criar e definir uma obra sua, êste lhe respondeu num desolado encolher de ombros:

— Tu que queres, meu velho, se eu trago o nome de meu pai às costas?...

Ora eu sei, por experiência própria quanto é difícil, e doloroso até, magoar que seja com a nossa obra, a obra de alguém, para nós tão sagrado, quanto é certo que êsse alguém foi a nossa verdadeira razão de ser.

Estou profundamente convencido que Carlos Carneiro, não nesta, mas em tôdas quantas exposições tem feito, há-de ter pensado muita vez ou sempre, que pensaria seu pai ao ver a sua obra, que defeitos e qualidades apontaria, como de-certo fêz em face das suas primeiras tentativas felizes e não será, de-certo também, sem um profundo desespêro todo íntimo que, sem ninguém o suspeitar, o levara por fôrça, no silêncio do seu atelier, examinando e dando o retoque final na obra acabada de momento, a evocá-lo com uma voz ciciada que só êle ouvirá, e proferir entre lágrimas:

— Está certo?...

Todos os outros, os amigos, os indiferentes, os críticos e — os asnos emfim, poderão vir e pousar a última palavrinha mágica sôbre a obra exposta, que nada disso valerá mais, como consolação ou castigo do que essa resposta para sempre muda.

Carlos Carneiro então, como tantos outros nas mesmas circunstâncias, há-de ter por isso um desdém supremo por quanto se possa dizer dêle, mal ou bem, sem o inefável auxílio daquele que nunca mais volta nem jàmais será substituído.

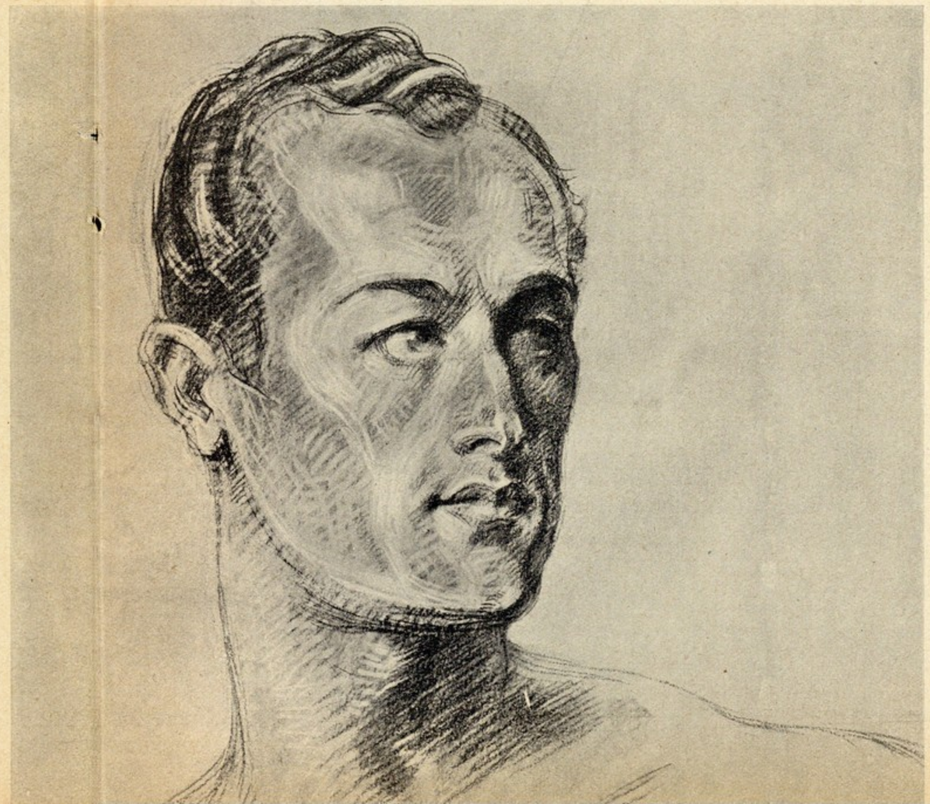
O que eu posso, portanto, dizer de Carlos Carneiro, tanto aquenta como arrefenta para êle e ainda bem.

Eu sou muito seu amigo e ao mesmo tempo um grande admirador da sua arte, particularmente pela feição que imprimiu aos seus últimos trabalhos dando-lhes maior firmeza e maior individualidade. Custava-me a mim, que tenho um horror quási instintivo de lisongear que a expressão da minha muita admiração fôsse tomada como lisonja do amigo. Que os outros ou o público o pense, não me interessa visto como raro escrevo ou falo que não seja para me desanuviar dos macaquinhos que pululam cá pelo sótão e me afligem; mas que o viesse pensar o próprio Carlos Carneiro afligia-me sobremaneira. Só então, acordando em mim uma suave e terrível preocupação que enche tôda a minha vida e que por fôrça deve ser a dêle, eu concluí:

— Tanto se importa êle que eu diga bem ou mal.

Pois eu digo bem e talvez a forma por que o digo seja conseqüência do quanto êle se possa importar como eu o diga.

Há em todos os seus retratos um ar tão simples, tão súbtil e perigrino de intimidade e de confôrto espiritual, uma quási feminina delicadeza da compreensão daqueles que serviram de protexto aos seus retratos, que desvanece aquele mesmo que de arrocho em punho e ralhando sempre, a saliva suja dos plebeísmos a escumar-lhe nas comissuras, fala de arte como quem fala, salvo seja, de equitação porque a sua boa linguagem é invariàvelmente de estrebaria: de arte só terá a de cavalgar tôda a sela. E digo pretexto para



os seus retratos porque os desenhos de Carlos Carneiro nos surgem como uma conversa íntima, um monólogo travado consigo próprio sôbre aqueles que tiveram a feliz dita de por êle serem retratados. Quási distraído, ou antes, aparentemente distraído, Carlos Carneiro vai apontando em traços leves como um fio de teia tudo quanto vai surprendendo mais na fisionomia íntima do que aquela que lhe vai gravada no rosto. Nisto há o valor e tôda a originalidade da sua obra. Retratos como o de Armando Vieira Pinto, como o de Ramiro Mourão, o da Espôsa do Artista e do seu Filho e tantos outros são verdadeiras maravilhas de graciosidade e de beleza intrínseca. E isto basta para que se possa dizer que Carlos Carneiro é já plenamente senhor de si, da sua técnica e da sua arte emfim. Carlos Carneiro, pois, triunfou mais uma vez como aliás tinha obrigação de triunfar e por isso mesmo o «Movimento» o abraça comovidamente.

L. G.

V A L A

Uma carta do actor Raúl de Carvalho

O actor Raúl de Carvalho, sentindo-se visado sem justiça por uma local do nosso número 23 acaba de escrever ao nosso director, rogando-lhe a publicação dos períodos da sua carta que mais próprios lhe pareçam para o justificar. A local publicada no nosso número 23, tinha o título «Desinteresse» e referia-se a algumas afirmações postas na bôca do actor Raúl de Carvalho pelo sr. Fernando Fragoso, ao publiar uma entrevista por aquele actor concedida, por seu intermédio, à revista onde vai ganhando a vida.

Com o maior prazer satisfazemos o desejo do actor Raúl de Carvalho, transcrevendo alguns períodos da sua carta:

Na entrevista a que acima nos referimos, pode ler-se, a certa altura, o seguinte:

«*A Tobis está trabalhando afanosamente, diz-se! Está nela, sem dúvida, o futuro do cinema nacional!*»

Da carta do actor Raúl de Carvalho transcrevemos:

«*Quanto ao futuro da nosso cinema também não disse que estava na Tobis. Que me perdoe a Tobis, mas não fiz excepção. Disse ao meu querido amigo Fraga (a entrevista é assinada pelo sr. Fernando Fragoso) que fizesse um apelo a todos os produtores e que o cinema português tinha futuro lembrando-lhe que a Tobis agora tinha gente môça à frente e que devia trabalhar*».

Da mesma carta, e para boa compreensão do leitor inteligente a propósito do fundo oculto das coisas, transcrevemos outro período:

«*A respeito de* Gado Bravo *disse isto mesmo que está escrito na entrevista, só com a diferença que acaba assim: E se* Gado Bravo *fôr o que eu penso, há que fazer justiça à persistência, à coragem e à alma dum português que se chama H. da Costa.*

Esta parte final não foi publicada na entrevista, o que torna as coisas claras como água. Foi com o maior prazer que concedemos ao actor Raúl de Carvalho a satisfação que amavelmente nos pediu (quando tinha o direito de a exigir).

E foi também com o maior prazer que entregamos ao sr. Fernando Fragoso, ou ao sr. Fraga, não sabemos bem, aquilo que muito de direito lhes pertencia.

Um enigma

O Sr. Cotinelli Telmo, arquiteto de valor e realizador cinematográfico em princípios de estudo, fêz a «Canção de Lisboa» sòsinho, sem o auxílio de ninguém. A Tobis assim o entendeu.

O Sr. Leitão de Barros, realizador de cinema com as suas provas feitas, vai realizar «As púpilas do Sènhor Reitor» super-visionado por um estranjeiro. A Tobis assim o entendeu, também.

Pretos sejamos nós se percebemos...

La Wally

Os cinéfilos não gostaram dêste filme. Pelo menos foi o que se fêz correr. E' certo que nem sempre corre «a verdade, tôda a verdade e só a verdade...» Mas os amadores de ópera vão certamente gostar, visto que a partitura se encontra no filme, completa e maravilhosamente bem cantada.

A nossa revista

O próximo número da nossa revista, primeiro do segundo ano, vai causar um sucesso. A revista vai mudar de formato, de capa, de papel. As secções estão sendo estudadas por todos nós, com o maior cuidado, tendo sempre em linha de conta as cartas que nos teem sido enviadas pelos leitores fieis. MOVIMENTO de facto, não podia cristalizar...

Josefina Baker no cinema

Josefina Baker, a célebre bailarina negra, será a protagonista de um filme realizado por Marc Allégret com fotografia de Michel Kelber.

Eugenie Grandet

A obra prima de Balzac vai novamente ser filmada, por um dos melhores realizadores franceses de que se ignora, por emquanto o nome.

Zola e Offenbach

A Société Parisienne de Production, produtora do filme tão elogiosamente acolhido pela crítica «Lac aux dames» vai filmar «La bête humaine» de Emílio Zola e «La vie parisienne» de Offenbach.

A Dama das Camélias

O imortal romance de Dumas, Filho, vai novamente ser levado ao écran. As filmagens serão dirigidas por Abel Gance e os principais papeis interpretados por Yvonne Printemps e Pierre Fresnay.

Votre Sourire

«Votre Sourire» é uma comédia de que são autores Birabeau e Dolley cujos trabalhos de filmagem prosseguem activamente nos studios de Neuilly, com Vítor Boucher e Marie Glory nos principais papeis.

Tartarin de Tarascon

A «troupe» de actores e técnicos no filme «Tartarin de Tarascon» partiu para a Provença, debaixo da direcção de Raymond-Bernard, a-fim-de filmar as últimas cenas para o filme tirado por Marcel Pagnol da obra-prima de Alphonse Daudet.

O novo filme de Armand Bernard

Prosseguem activamente nos studios G. F. F. A. os trabalhos de realização do filme «Secret d'une nuit» com Armand Bernard, Albert Préjean e Germaine Rouevet nos principais papeis.

Maurice Dekobra

Uma nova obra de Maurice Dekobra vai ser filmada. Desta vez o romance escolhido foi «Minuit Place Pigalle» que já, vimos, com Nicolas Rimsky no papel central. O realizador será Roger Richebé e os trabalhos iniciar-se-ão em meados do mês corrente.

A produção da Ufa

Na Ufa, em Neubabelsberg procede-se actualmente à montagem dos filmes «Princeza das Czardas» e «A vida é bela», continuando simultâneamente a realização de «Regresso à terra natal» e «Os Isolados». No passado dia cinco iniciaram-se as filmagens do filme «O jovem barão Neuhaus» (título provisório) sendo os principais interpretes da versão francesa Fernand Gravey, Lucien Baroux e Anny Ducaux.

A semana do filme em Berlim

Decorre actualmente em Berlim a Semana do Filme. Os melhores filmes da estação são reprisados no Capitólio, encontrando-se, entre êsses, o filme muito nosso conhecido: «Sob os telhados de Paris».

O triunfo de «La Bataille»

Após o sucesso monstro que conseguiu no Capitólio, de Berlim, o filme francês «La Bataille» passa actualmente no Marmorhaus. Este filme foi considerado «artístico» beneficiando de uma importante redução nos impostos.

A Austria deminue os direitos de importação dos filmes estranjeiros

Na Austria acaba de ser publicado um decreto reduzindo provisòriamente os direitos de importação sôbre os filmes estranjeiros com legendas em alemão. Semelhante medida, que muito aproveita às casas distribuïdoras americanas, já fora tomada o ano passado nesta mesma época.

A nova tarifa entrou em vigor no dia 16 de Junho.

A situação económica do cinema americano melhora

Estatísticas recentes, publicadas no «Sales Management» revelam um vigoroso levantamento da indústria americana do filme.

Os salários pagos nos estudios californianos no curso de 1933 aumentaram 90,4% em relação ao ano anterior. A mão-de-obra empregada acusa um acréscimo de 101,7%, o que é de-veras apreciável.

As receitas dos filmes, com relação ao mês de Março de 1934, acusam um aumento de 26,6% sôbre o mês correspondente, de 1933.

Como veem as coisas melhoram... e ainda bem.

Como represália

Dando como causa da sua resolução que vários filmes da mesma origem tinham apresentado personagens polacos em papéis de criminosos, o govêrno da Polónia acaba de proïbir a entrada no seu território aos filmes Warner Bros-First National.

Um conflito na Austrália

A propósito de uma questão da percentagem a pagar sôbre as receitas dos filmes, acaba de travar-se uma guerra comercial entre alguns distribuïdores de Sidney e a General Theatres Corporation, Lt.da. ste General Theatres Corporation é uma grande companhia a quem pertence, na actualidade a exploração de tôdas as grandes salas australianas. A Metro Goldwin Mayer, assim como a Warner Bros-First National, decidiram apresentar os seus filmes nas poucas salas independentes da cidade. Por sua vez a General Theatres Corporation, decidiu apresentar todos os filmes americanos sem a menor publicidade.

Uma nova ópera no écran

A Cérès Films vai adaptar ao écran as «Cenas da Vida de Boémia». O acompanhamento musical do filme será tirado da partitura de Puccini.

Fim de raça

Quando sair êste número, já devem ter seguido para a Madeira os srs. Manuel Luiz Vieira, Bernau, Bernaldes & Eder, Verol, Sousa Santos, F. de Barros, Fernando Pinto. Alfredo Gomes que aí vão iniciar as filmagens do «Repositeiro Verde», versão fonocinematográfica da conhecida peça do sr. Júlio Dantas. Parece que o filme tomará o título de «Fim de Raça». Para diversos papeis dessa nova produção indigitam-se os artistas Brunilde Judice da Costa, Alves da Cunha e Samuel Diniz. Consta, também, que o actor Raul de Carvalho foi convidado para desempenhar um dos principais papeis, convite que o simpático artista não se mostra resolvido a aceitar.

A América e a U. R. S. S. vão fazer um acôrdo para a troca de filmes

Continuam as negociações entre os dirigentes do cinema soviético e o representante do poderoso grupo Hays (William Hays é o ditador do cinema americano), a-fim-de estabelecer uma regular troca de filmes entre os Estados-Unidos da América e a U. R. S. S.

O Reino dos céus e o Camilo de Vasconcelos

Confundindo *citação* com *transcrição* o nosso Camilo de Vasconcelos continua insistindo em nos querer processar por não termos pedido a devida vénia para essas citações ao procurarmos demonstrar, de mais a mais, qual o estôfo mental do supramencionado preopinante.

Desta vez o homem fala das amizades que num instintivo movimento de boa-fé, criou entre alguns dos nossos camaradas e promete fazer *chantage* com a correspondência particular recebida dêles. Que mais será preciso? Só faltava o anunciozinho ao advogado da sua causa perdida e até êsse lá vem.

Está ou não com o reino dos céus no papo?

Lisboa-Film

Já regressaram do estranjeiro os directores da «Lisboa-Film», José Cesar de Sá e F. A. Quintela, tendo cumprido os seus desígnios de adquirir material de tomadas de som que será empregado na realização de filmes de curta e longa metragem.

Uma boa notícia

Chegaram-nos aos ouvidos diversas notícias que devem pôr em sobressalto os verdadeiros aficionados da arte cinematográfica.

Se a censura o permitir, é possível que se exibam entre nós, na próxima temporada, algumas produções soviéticas. Se assim suceder — e oxalá que suceda — teremos (enfim!) o ensejo de conhecer o desenvolvimento do cinema sonoro na U. R. S. S.... e não nos parece que a ordem pública corra os riscos de ser alterada...

Consta também que o maravilhoso fonofilme «A luz Azul» será distribuïdo no nosso país. «A Luz Azul» é considerada pelos melhores críticos estranjeiros como uma das mais belas realizações dos últimos tempos. Oxalá o público saiba admirá-la!...

O dubbing continua em decadência

Da «Cinématographie Française» recortamos o seguinte:

«... Voici maintenant le public des salles de quartier qui va voir régulièrement du film parlant étranger et qui le préfère aux versions doublées. Il est donc certain que dans les grandes villes le film doublé en français marque actuellement une certaine régression. En province on a mal accueili des filmes doublés mais on accepte sans protestes les bons films parlés en langue étrangère.»

Ainda bem!

Gralhas

O artigo de António Lopes Ribeiro, publicado no último número de MOVIMENTO, saiu cheio de gralhas, algumas das quais nos vemos forçados a rectificar:

No 6.º parágrafo, onde está «passo» devia ser «paseo»; no 9.º, vem «sublinharam» em vez de «sublinham»; no 10.º, saiu «enfeitar a tradição» em vez de «respeitar a tradição»; no 11.º, está uma frase que não faz sentido: «parece um padrão a assinalar a pureza ignorada do campino», onde Lopes Ribeiro escrevera: «parece um padrão a assinalar a *proeza* ignorada *dum* campino»; no fim da 2.ª coluna, onde se lê «caçamento» devia ser «laçamento»; e na 3.ª linha da 3.ª coluna saiu «compreendem» em vez de «compreendam».

E oxalá esta errata não saia também gralhada.

COMUM

CRÍTICA DE FILMES

A mulher dos Cabelos Vermelhos — O filme não vale grande coisa. É a história velha duma rapariga a entornar sex-appeal e a ferver em ambições de grandezas, que faz do seu corpo e do seu poder fascinante os degraus para a desejada ascenção.

Uma certa dose de pimenta bem repartida — estes americanos conhecem o público como ninguém!... — um bom desempenho e uma fotografia bonita, evitam que a fita seja uma sensaboria. Jean Harlow — até que emfim a ouvimos falar inglês! — tem realmente talento. Não tanto que mereça a publicidade que lhe fazem... Mas a verdade é que ela vai às mil maravilhas no papel que lhe distribuíram. O Lewis Stone — que é uma espécie de prato obrigatório nos filmes da Metro — continua a ser o bom actor de sempre. O Chester Morris — que não há forma de conquistar o público português — mostra que sabe o que faz mesmo num papel bastante falso, e o Charles Boyer — o grande Charles Boyer — também aparece, disfarçado do «souteneur»... Mas para êsse papel, tanto podia ser a Charles Boyer como outro qualquer.

Os Homens devem lutar — Se o argumento desta fita não estivesse tratado com uma certa debilidade, poder-se-ia tirar dêle um grande partido... Mas os realizadores americanos (na sua maioria, pelo menos) não exprimem nunca as suas ideas, as suas convicções pessoais. Subjugam a sua vontade à vontade de outrem. E, na maior parte dos filmes americanos, sente-se que o realizador não tem nada que dizer. É sem entusiasmo, sem o menor esbôço de qualquer fôrça impulsiva interior, sem convicção, que êle faz um filme. Daí a maneira hesitante como certos argumentos são tratados, acarretando para nós um constante e penoso desapontamento.

Os Homens devem lutar, se o encararmos sob determinados pontos de vista, é um filme interessante e até, de certo modo, digno de especial atenção. Mas não é claro nem firme na exposição das ideas que encerra. E, no fim, ficamos em dúvida ao procurarmos acertar naquilo de que o realizador nos quis convencer. Essa dúvida vem justamente de, na verdade, o realizador não ter querido convencer-nos sinceramente de coisa nenhuma... pois que êle próprio prova não ter uma idea fixa sôbre o tema que versou... E assim, confesso-vos, ao pensar neste filme, que não vi com indiferença, não sei se o deva tomar a sério (a-pesar-de tudo), se acreditar que êle não passa, afinal, de pura sofisticação...

Tècnicamente o filme está bem construído. Boa descrição visual, boa montagem e boa fotografia. E, como sempre em filmes americanos — faça-se-lhes justiça —, um bom grupo de actores dá ao desempenho uma agradável segurança e um excelente equilíbrio.

Krakatoa — A Academia Americana das Ciências Cinematográficas classificou *Krakatoa* como o melhor documentário de 1933. Bem merecida foi essa classificação. *Krakatoa*, como documentário-reportagem e como filme instrutivo ao qual a beleza constantemente se alia, merece um lugar de honra entre os melhores filmes do ano!

Roubaram um homem — Aqui está o que se chama um filme sem sal. Sem sal e sem coisa nenhuma. Porque afinal — e que Erich Pommer me perdoe — a fita parece obra dum artífice a que não assistiu a fiscalização dum artista cheio de glórias e de nomes pomposos a aureolar-lhe o nome... E depois, êsse Henry Garat está cada vez mais parvo. Até faz aflição... E a Lily Damita... eu nem vos digo mais nada.

Mas a fita entretem. É o que vale.

Vou contigo à Estratosfera — Uma comédia engraçadíssima que eu estava longe de esperar. Não tem grande valor técnico, confessemos, mas tem pilhas de graça e meia dúzia de «gags» colossais. E então êsse velho Szöke Szakall conquistou-nos a todos definitivamente. Um bom actor, não tenham dúvidas.

A Alegria de Viver — Um filme para comover meninas sensíveis que leem romances baratos... Distrai, mas não vale nada. É uma histórinha insípida, sem importância... mas há muito pior. A Janet Gaynor cristalizou. Não sai daquilo. Mas é agradável vê-la no écran. O Warner Baxter quási não tem que fazer das suas extraordinárias qualidades de actor. Mas o que fêz, fêz bem como sempre.

Alves Costa